

## O INVENTÁRIO E SEUS ACTORES E ACTRIZES NO PANORAMA MUSEOLÓGICO PORTUGUÊS

MUSEU NACIONAL - Museu Nacional do Traje e da Moda

A exposição *Trajes Reais, Rainha D. Amélia e D. Manuel II* (27/05/07 a 31/12/09)

Elsa Ferraz (Responsável pela Área de Inventário)

Lisboa - 5 / 06 /09 e 03 / 03 / 2011

### 1. A inventariação, o inventariante e o Museu

Sobre a função da inventariação:

1.1. Diga-me as dez primeiras palavras que lhe venham ao pensamento quando ouve falar em “inventário”.

1. Doação
2. Descrição
3. Datação
4. Tipologia
5. Informação Técnica
6. Número de Inventário
7. Conservação
8. Formulários
9. *Matriz* (já estão todos?)

Falta 1!

10. Denominação

1.2. Queria pedir-lhe para me desenhar/descrever, primeiro por palavras, mas também num esquema simples, o circuito de inventariação do Museu nas condições actuais.

Mas em desenho?

Então: há um doador, que vem ao Museu. Nós fazemos uma selecção, e temos vários critérios neste momento, que são:

- Estado de conservação;
- Existência ou não de peças idênticas na colecção. Portanto, se já houver peças idênticas na colecção, eu não vou receber uma camisa de noite quando já tenho 400. Basicamente, neste momento, são estes os critérios que nós estamos a ter em conta.

Depois da selecção nós começamos sempre por fazer uma fotografia da peça, que está paralela ao preenchimento dos formulários. Os formulários, como sabe, são a forma de submeter ao Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) todas as doações que são feitas. Portanto, nós não temos autonomia para escolher o que fica na colecção. Fazemos esta primeira selecção, mas o despacho final e o aval positivo é sempre dado pelo IMC.

Quando diz IMC... posso saber a quem cabe realmente essa resposta?

Normalmente é à Dra. Amélia Fernandes.

Está bem.

Sim, sei que passa por ela o aval final que, neste caso, foi dado pela Dra. Graça que, como sabe, está de saída.

Mas foi ela que assinou os formulários de doação.

Ou seja, primeiro é a Elsa, depois a Clara Vaz Pinto e depois a Amélia Fernandes.

Sim, é este o trajecto. Ou seja, no momento em que a peça chega aqui, nós preenchemos os formulários com a fotografia e uma breve descrição. É verdade, estes formulários já não são enviados mensalmente.

Antigamente era esta a política - no tempo da Dra. Teresa e da Xénia - mas como as doações têm diminuído, o que fazemos é que, durante um ano acumulamos as doações e, em Janeiro ou Fevereiro do ano seguinte, enviamos todas as doações do ano para o IMC. Portanto, é sempre feito anualmente.

Entretanto os doadores ou doadoras aguardam...

Aguardam resposta, efectivamente. Só para ter uma ideia, só agora em Fevereiro de 2011 é que tivemos a resposta positiva das peças de 2009. Só agora é que estou a preparar as de 2010. Portanto, só agora é que eu vou incorporá-las, pô-las no *Matriz*, dar-lhes um número definitivo de inventário e fazer uma carta definitiva para o doador.

Depois do inventário elas iriam para o restauro, mas actualmente nós já não temos ninguém no restauro.

Já não há ninguém?

Não, as duas últimas senhoras reformaram-se há um mês.

Como é que vão resolver esta situação a partir de agora? Contratando serviços externos?

Recorrendo a colaboradoras externas, fazendo nós...

Sim, mas a primeira dessas opções encarece muito o processo...

Exactamente, por isso é que eu estou a dizer que o estado de conservação da peça é o critério primordial. Porque eu não posso receber uma peça que está completamente degradada se eu não tenho recursos para a restaurar. Portanto é um dos principais *items* para fazer a selecção.

No restauro iria ser bordado o nº de inventário, que é outra questão que não sei como é que vai ser. Ou bordo eu, ou... não faço ideia!

Porque era a equipa do restauro quem bordava...

Sim, eram elas. E a partir daí vem para mim, para as reservas, e eu então acondiciono-a nas reservas e, a partir do momento em que eu tenho a localização definitiva para ela nas reservas, venho à ficha de inventário - ao *Matriz* - e anoto a localização.

Portanto, é este o percurso.

No inventário, de facto, é onde a peça permanece mais tempo porque há todo um processo a ser feito: descritivo, de datação...

Que é tudo feito aqui, por si.

Sim.

Mas, quando é que insere os dados no *Matriz*, antes ou depois do restauro?

Eles só ficam inseridos no *Matriz* depois do IMC dar o aval positivo, o que pode demorar mais de um ano. Portanto, é um processo muito demorado.

E, entretanto, não se avança em nenhuma destas direcções?

Não, fica tudo guardado. Por exemplo, todas as peças de 2010, eu tenho-as numa estrutura do restauro e estou agora a fazer os formulários para o IMC e só em 2012 é que eu vou ter a resposta.

É um processo um bocadinho complexo e muito, muito, muito moroso.

Então o *Matriz* viria aqui, depois do processo todo de aprovação da proposta de incorporação, restauro, inventário...

Sim, vem aqui (no final do circuito). Mas ele, a partir do momento em que o IMC dá o aval, ele também pode vir aqui (antes do restauro), portanto fica feito, e depois, quando fizer a arrumação nas reservas, é que eu venho preencher a parte da localização.

O *Matriz* só se faz depois da resposta do IMC.

Agora já é o *Matriz* 3.0...

Já, é este, abri para lhe mostrar.

Ah! Perfeito! Mas eu, na qualidade de público utilizador ainda não posso entrar, não é?

Não, ainda não pode. Aliás, nós estamos a disponibilizar algumas fichas no nosso *Matriz* para as disponibilizar no *MatrizNet*. Portanto, estamos a rectificar tudo.

Muito bem. Então este seria o circuito completo?

Sim. Portanto, o doador dirige-se ao Museu, porque 90% das doações são feitas aqui.

Sim, porque 90% são doações e 10% aquisições.

As últimas aquisições foram para a exposição da Rainha D. Amélia em 2007, e são as únicas peças que eu tenha assim, presente, que tenham sido adquiridas, porque não há verba disponível para fazer aquisições.

E realmente, a selecção é mesmo um dos critérios, e tem que ser primordial: uma selecção muito filtrada, muito mesmo.

Que percentagem de informação estão a pensar disponibilizar ao público no 3.0.?

Tudo depende da *Net*. Neste momento está dependente disso. Sim, porque nós no *Matriz* temos 96% da colecção já. Portanto, nós temos 38.000 peças e temos 36.000 no *Matriz*.

Na antiga versão.

Sim, na antiga versão. Mas agora migrou tudo para a nova.

E que percentagem é que estava disponível ao público?

Sim, uma percentagem, não sei se são 7.000, ou 1.700...

E agora o critério de ir para o *MatrizNet*, nós estamos a pôr as do *Roteiro*, as da *Moda do Século* - que têm boas fotos - e boas informações. Essas, à partida vamos disponibilizar, só que é tudo muito lento.

Y conseguiram fazer migração integral de dados?

Sim, fizeram a migração e nós estamos a confirmar se foi bem feita ou não. Portanto, tenho que estar campo a campo, ficha a ficha, a confirmar tudo, que é um processo muito demorado.

Dá a impressão que devia haver uma pessoa a trabalhar nesta verificação, validação...

Eu estou a actualizar, quem valida é a Dra. Clara porque ela é a administradora do *Matriz*, ela é que poderá dizer se é, ou não é, publicável no *MatrizNet*.

Falou-se na possibilidade de que, pelo menos um pessoa de cada museu, pudesse receber formação sobre o uso desta nova versão do *Matriz*.

Não tenho essa informação. Houve uma reunião do Museu Nacional de Etnologia (MNE), mas foi a apresentação do *Matriz* 3.0.; agora, formação específica, não sei de nada...

Então não houve sessão de explicação e de utilização das novas ferramentas que integram esta geração do *Matriz*...E como é que resolvem as dúvidas que vão surgindo? Contam com o apoio da empresa que deu forma ao programa?

Há um departamento informático que nos atende para quaisquer dúvidas. Em todo o caso, a Dra. Clara já marcou uma reunião para a semana no IMC, justamente para apresentarmos uma série de dúvidas que temos e que eu tenho estado a registar.

Então, retomando a conversa, para si, Elsa, o circuito de inventário acabava aqui?

Sim, acaba nas reservas.

1.3. Gostaria então que me dissesse, sob condições ideais, qual seria o circuito adequado.

Melhorava o não ter que submeter os formulários ao IMC.

Mais alguma coisa? Falamos da situação ideal, livre de condicionantes...

Não. Porque como eu tenho poder de comparação entre o antes e o agora... E há uns anos atrás, não era necessário submeter os formulários ao IMC - portanto as doações -...

Porque quando eu mando estas botas para o IMC, num formulário, eles não sabem se eu tenho 100 pares iguais. E apesar de eu fazer uma justificação de porque é que eu quero incorporar a peça na colecção, eles não a conhecem. Portanto, nós conhecemos a nossa colecção e acho que devíamos ter autonomia para sermos nós a decidir se esta peça entra na nossa colecção.

Claro que nós justificamos no formulário mas, quem dá o aval, não conhece o universo patrimonial que nós temos.

Era a única coisa que melhorava?

Sim, era a única coisa. Bem, obviamente, neste momento melhorava o restauro...

Claro! Uma equipa própria...

Sim, sim.

Mais alguma coisa? Recursos para poder adquirir outras peças, por outras vias.

Sim, claro. Uma verba anual que nos pudesse ser concedida para eventuais... porque às vezes surgem coisas nos leiloeiros que são peças que até vinham colmatar lacunas que nós temos na colecção, que não aparecem na doação, e que realmente seria importante integrar.

Por exemplo, estava a falar em que leva imenso tempo a conferir a informação que foi migrada para a nova versão...

Ah! sim, recursos humanos, claro.

Que pessoas é que punha a trabalhar consigo no inventário?

O inventário, neste caso dos têxteis, é um trabalho muito especializado. Eu trabalho há 14 anos aqui e ainda tenho muitas dúvidas, às vezes, a inventariar peças. Tudo o que eu aprendi foi com a Dra. Teresa, e a Dra. Teresa continua a vir ao Museu uma vez por semana, ou quinzenalmente, para eu lhe poder colocar uma série de dúvidas para esclarecer. Porque há pequenas coisas que surgem: “se é uma seda espolinada, se é um crepe, se é uma mousseline que tem um fio lhamado que eu não percebo como é que foi feito...”. Portanto, há sempre algo que surge.

Ainda por cima não tenho cá a Xénia, que me completava e eu a completava, porque ambas tivemos formação de inventário, portanto, quando uma tinha uma dúvida questionava a outra e, realmente, era um apoio muito grande.

Elsa, a Dra. Teresa esteve aqui mais de trinta anos, não é?

Desde o surgimento do Museu.

Então, desde 1977?

Sim, desde 77, até 2009. Foram muitos anos...

Mas então, a Elsa já tem metade dessa experiência...

Sim, já, já...

1.4. Qual o circuito que foi utilizado na organização do inventário no contexto da exposição *Trajes Reais, Rainha D. Amélia e D. Manuel II*? Faz a gentileza de mo descrever?

Qual a diferença entre o circuito de que acabamos de falar e o que foi utilizado na organização desta exposição?

Atenção, que eu não participei nesta exposição, apenas ajudei na montagem e em algumas coisas, mas não estive inteiramente envolvida. A maior parte das peças, nós já as tínhamos na colecção, portanto, já eram incorporações feitas em anos anteriores e, outra parte das peças, foi justamente adquirida em leilão. Foi a tal situação que há pouco lhe disse: surgiram peças da Rainha D. Amélia em leilão, e o IMC disponibilizou - não sei como é que foi feito o processo interno, obviamente, e não conheço os meandros dessa situação - mas sei que houve aquisição das peças da Rainha D. Amélia.

O restante processo de inventário, no fundo, o que nós fazemos é que, quando queremos fazer uma exposição, estabelecemos e fazemos a selecção das peças que queremos. À partida, elas já estão todas inventariadas. Como já estavam cá na colecção, portanto o que fazemos é: separamos as fichas de inventário, vemos se está de acordo com o que está no *Matriz*, e depois vamos às reservas fazer selecção, depois das reservas vai para o restauro, e é sujeito ao processo todo de recuperação para depois ser exposto.

Ou seja, normalmente a maioria das peças que protagonizam as vossa exposições formam parte do espólio do Museu.

Já estão cá.

Raramente vem alguma coisa de fora, não é? Nesse caso pode ser via empréstimo, via compra...

Sim, muito raramente, e também por depósito...

## 2. A última incorporação

2.1. Diga-me em qual das modalidades foram feitas as incorporações dos bens culturais/exemplares, não pertencentes ao Museu, para esta exposição:

2.1.1.	Compra	<input type="checkbox"/>	2.1.10.	Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.1.2.	Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.1.11.	Herança	<input type="checkbox"/>
2.1.3.	Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.1.12.	Permuta	<input type="checkbox"/>
2.1.4.	Legado	<input type="checkbox"/>	2.1.13.	Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.1.5.	Recolha	<input type="checkbox"/>	2.1.14.	Preferência	<input type="checkbox"/>
2.1.6.	Achado	<input type="checkbox"/>	2.1.15.	Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.1.7.	Transferência	<input type="checkbox"/>	2.1.16.	Depósito	<input type="checkbox"/>
2.1.8.	Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.1.17.	Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.1.9.	Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.1.18.	Outra. Qual?.....	

Acima de tudo foi a nossa colecção, ou seja, as doações, obviamente; depois a compra e depois o depósito. Temos também empréstimo.

Como, em 4º lugar?

Sim, que eu acho que houve um quadro de Mafra e algumas outras peças que vieram de lá.

2.2. Indique-me agora em qual das modalidades foi feita a última incorporação de uma colecção:

2.2.1.	Compra	<input type="checkbox"/>	2.2.10.	Proveniência desconhecida	<input type="checkbox"/>
2.2.2.	Doação	<input checked="" type="checkbox"/>	2.2.11.	Herança	<input type="checkbox"/>
2.2.3.	Empréstimo	<input type="checkbox"/>	2.2.12.	Permuta	<input type="checkbox"/>
2.2.4.	Legado	<input type="checkbox"/>	2.2.13.	Afectação permanente	<input type="checkbox"/>
2.2.5.	Recolha	<input type="checkbox"/>	2.2.14.	Preferência	<input type="checkbox"/>
2.2.6.	Achado	<input type="checkbox"/>	2.2.15.	Dação em pagamento	<input type="checkbox"/>
2.2.7.	Transferência	<input type="checkbox"/>	2.2.16.	Depósito	<input type="checkbox"/>
2.2.8.	Expropriação	<input type="checkbox"/>	2.2.17.	Produção própria	<input type="checkbox"/>
2.2.9.	Fundo antigo	<input type="checkbox"/>	2.2.18.	Outra. Qual?.....	

Alguma outra opção, em segundo lugar?

Não, são as mesmas.

2.3. Quais os critérios a seguir quando da incorporação de um bem/exemplar?

Sim, basicamente é o estado de conservação e é a existência de peças idênticas na colecção. Ah! E a datação da peça, claro!

Como é que referiria estes últimos critérios então?

Pois, aqui é um bocadinho difícil. Se calhar, não acrescentava mais nada porque em traje é tão subjectivo, eu estar a dizer que...obviamente, tem a ver com a colecção.

### 3. Uma história simples

Pode contar-me uma história acerca de uma dessas incorporações - ou de outra que lhe venha à memória agora e que julgue interessante - referindo em especial...

Há tantas histórias curiosas. Por exemplo, há uma peça que foi doada em Janeiro do ano passado, portanto de 2010, que estou agora a fazer o formulário de proposta de doação, que foi uma máquina de fazer meias, que uma senhora tinha em casa, e que ainda tinha um resto de meia - portanto ainda funciona -, mas não sabemos montar as peças.

E a Senhora ainda vive?

Sim, sim, a máquina era da mãe e a Senhora nunca trabalhou com ela. Curiosamente, nós temos a carta de aquisição da máquina - que o pai mandou vir de Londres - temos também o livro de instruções, temos amostras de agulhas e temos ainda um fragmento da última meia que ficou a meio, e que é uma peça curiosa da indústria têxtil.

Este caso tem a ver com um projecto que a Dra. Clara queria fazer que, como no caso dos teares, tem a ver com a indústria têxtil, mas está para despacho do IMC.

Mas há outras peças, houve doadores que...

Poderia escolher uma dessas histórias?

Sim, sim, peço desculpa.

É simplesmente para podermos perceber alguns aspectos do processo de incorporação, inventariação...

Sim, as doações... normalmente as pessoas vêm cá e entregam. Não me estou a lembrar de nenhuma peça assim extraordinária, com história fenomenal.

Não procuro uma história fenomenal, é apenas uma das vossas histórias para, através dela, poder perceber como funciona o circuito de inventário no vosso Museu. E uma das vossa últimas incorporações?

Já foi há dois anos. Só agora (2011) é que tivemos a resposta para as peças de 2009...

Então, há dois anos que não entram peças no Museu?

Sim.

Se não é indiscrição, quantas peças apresentaram ao IMC nesse ano?

123 fichas, claro que algumas são conjuntos. Têm havido um decréscimo de doadores. Isso é notório.

Bom, mas fica-se com uma ideia do que vocês têm vindo a apresentar para aprovação.

Sim. Até hoje só foi recusada uma peça.

Também tendo em conta que eles não conhecem em profundidade as vossas colecções...

Sim, além disso nós justificamos bem. Portanto, enviamos uma fotografia, uma descrição...



### Falamos então, duma média de cem peças...

Sim, e de cerca de 20 a 25 doadores, mais ou menos. Ainda não fizemos estatísticas. Mas tem havido um decréscimo muito claro.

### Em que sentido?

Não só relativamente ao número de peças, como mesmo no número de lotes. Por exemplo, em 2010 tivemos vinte doadores, se calhar em 2009 tivemos vinte e nove doadores, no ano anterior trinta e tal... mas isso também porque a nossa selecção é realmente rigorosa. Sim, porque diariamente ou semanalmente há propostas de doação.

### Então uma dessas histórias...

Por exemplo, eu lembro-me de termos ido a casa de uma senhora, já de alguma idade, que tinha doado todo o espólio da sua casa ao Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA) e tinha algumas peças que queria doar ao Museu e nós trouxemos. Trouxemos uma estola de pele, umas bolsas de *toilette* e sapatos, julgo eu. Essa senhora doou tudo, a cama dela inclusive... tudo, tudo. Isto, porque a senhora era colecionadora, ela e o marido, não tinham descendentes, e tinha uma casa fantástica e uma história de vida muito interessante. Sim, porque isto, depois, também envolve a parte pessoal...

### Chegaram a ir à casa dela?

Sim, fui com a Dra. Teresa. Ela ia para uma residência sénior e tinha comprado uma cama porque a cama dela também tinha sido escolhida pelo MNAA. Portanto, o espólio todo dela: espelho, cama, cómodas, quadros, candeeiros, bibelôs, tudo! Então a senhora deu-nos algumas peças de traje. As peças vieram.

### Mas vocês antes deslocaram-se até à sua residência...

Sim, fomos e fizemos a selecção.

#### 3.1. A data – certa ou aproximada – em que ocorreu;

##### De que ano falamos, mais ou menos?

De 2008 ou 2009.

##### Se fosse 2009, estaria no conjunto que acabou de ser aprovado.

Sim, é possível, ainda não tive tempo de pegar nesse trabalho.

#### 3.2. As negociações entre o/a doadora, ou vendedor/a, e a direcção do Museu ou quem o representou (as pessoas que participaram nessas reuniões);

#### 3.3. Onde estava guardado o bem/exemplar ou a colecção?

#### 3.4. Como se fez o reconhecimento local da situação em que se encontrava o bem/exemplar? A pessoa que fez a venda ou a doação deixou tirar fotografias no local?;

Não, porque não houve negociações, foi a própria doadora que nos disse que queria doar. Foi uma conversa informal. Propôs-nos as peças e a Dra. Teresa fez a selecção. Estavam guardadas em casa da senhora.

### E então, deram uma vista de olhos e falaram com ela sobre o historial das peças... Como aconteceu esta parte do processo?



Sim, ela explicou-nos que tinha comprado em Paris. A senhora saía muito à noite, portanto ia a óperas, a concertos, a espectáculos...

Explicou-nos também que as outras peças de traje que poderiam vir para cá - que eram colchas indo-portuguesas - o MNAA já as tinha seleccionado, e depois trouxemos essas peças para o Museu, fizemos as breves descrições, fotografámos e depois foram para os trâmites normais, ou seja, o formulário do IMC.

3.5. As observações que foram efectuadas nesse local foram consideradas importantes para o conhecimento desse bem/exemplar e para a sua *nova forma de vida* no contexto do Museu?

E ao longo desta conversa, há alguma informação que fique registada e que tenha a ver com a origem ou com o historial...

Sim, nós temos um historial. Perguntamos sempre aos doadores a quem pertenceu a peça, onde é que foi comprada ou quem foi o costureiro e, normalmente, reunimos essas informações que depois são colocadas na ficha de inventário.

Portanto, essa informação da vida da peça fora do Museu, passa a formar parte da sua nova vida no Museu.

Sim, sim, perde a função útil mas ganha outras funções.

3.6. À chegada ao Museu: Quem se interessa por ver o bem/exemplar ou a colecção? Quem tem acesso a ele? Contam-se histórias? Acontece algo de novo no Museu e nas relações entre as pessoas?

Há, há. Um interesse, claro, restrito aqui ao sector do inventário, ou então podemos comentar. Mas há, partilhamos um bocadinho a história e, eu lembro-me que, na altura, ficámos um bocado sensibilizadas com a própria história da senhora, porque tinha um percurso de vida excepcional, porque o marido tinha falecido há pouco tempo, porque eram os dois coleccionadores... E são histórias que nos encham um bocadinho o coração.

Muito!

3.7. Como são feitos o inventário e a arrumação no contexto do Museu?

Em princípio, seguem a ordem descrita no circuito, não é?

Sim, seguem justamente esta ordem.

#### 4. O Museu manifesta-se

Pode falar-me dos temas que mais interessam ao Museu para um reconhecimento dos bens/exemplares que nele entraram no contexto desta exposição, dando conta sobretudo:

Aí é um bocadinho subjectivo, porque cada objecto é um objecto, ao nível do traje. Por exemplo, não é o caso de uma pintura, que representa algo especial. É muito díspar. Mas normalmente, o que nós vemos é sempre se já existe na colecção e, se há alguma forma... Por exemplo, eu não posso aceitar um chapéu porque é muito bonito e recusar outro porque é muito feio. Não! Temos que ser completamente imparciais. Portanto, eu tenho que pôr de parte os meus critérios estéticos, focar, e ser muito recta na selecção que se está a fazer.

- 4.1. De aspectos relacionados com a história do bem/exemplar: material de que é feito, funções que exerceu ou exerce, o seu autor ou autora, as circunstâncias em que foi feito, o seu valor estimativo para as pessoas que o tinham na sua posse;

Às vezes, não se consegue saber qual é a história do bem, é muito difícil.

Está a falar da história da vida útil que o objecto teve, não é?

Sim.

Às vezes, sabemos que foi utilizado numa primeira comunhão, num casamento, num baptizado, que foi comprado quando o primeiro filho nasceu, na primeira viagem a Nova Iorque, que foi a segunda mala importada de Paris - e só havia duas em Lisboa -. Enfim, estou a dar-lhe alguns exemplos curiosos: foi um vestido de croché feito pela bisavó, que já passou em quatro gerações.

- 4.2. De aspectos relacionados com a história da pessoa ou pessoas que o usufruíram;

Sim, pedimos sempre a data de nascimento e falecimento da pessoa, tentamos saber se foi casada...

Isso, junto das várias formas de utilização.

Sim, mas normalmente as pessoas até por iniciativa contam. Por vezes, nem é necessário nós questionarmos: "Pertenceu à minha avó que era dali, e que fazia isto e aquilo, e que teve sete filhos, e que morreu..."

- 4.3. Gostava de saber se o registo destas informações é tido por essencial:

4.3.1. Para se prepararem exposições no futuro;

4.3.2. Para a história do Museu e das suas actividades.

Pedimos autorização para divulgar.

Em exposições não utilizamos este tipo de informação pessoal, digamos assim.

E o historial dos bens, sim?

Depende da exposição. Por exemplo, em catálogos, sim, fazemos. A *Moda do Século* tem essas informações: "Foi adquirido em Paris, pertenceu à tia da doadora, era do pai do doador". Mas actualmente, quando preenchemos o formulário de doação pedimos sempre à pessoa que autorize ou não a divulgação do seu nome em caso de exposição, porque há pessoas que não querem. Portanto, fazemos sempre essa pergunta.

Portanto, depende dos casos.

- 4.4. Estes estudos e inventários permitem considerar o bem/exemplar que entrou no Museu, ou a colecção que passou a fazer parte do seu espólio, objectos que antes tinham uma vida em sociedade?

Sim, sim.

Nas vossas exposições é que nem sempre, não é?

Nem sempre, porquê não fazemos essa visão antropológica de ver como é que aquele objecto, em dado contexto social, cultural, económico... enfim, depende da temática da exposição. E depois requer uma investigação muito mais aprofundada que, às vezes, não há propriamente condições...

Sim, esta é uma parte do inventário que se calhar é menos frequente ser feita?

Efectivamente, é coisa que não se costuma fazer.

## 5. Projectando o Museu ideal.

5.1. Indique-me que propostas apresentaria para actualizar e conferir maior eficácia ao quadro de funcionários/as do Museu, falando em especial...

Neste momento está tudo agrupado numa única pessoa.

Sim, e pelas conversas que tivemos até agora, sei que a Elsa é da área de Antropologia, que está na faixa dos 24 aos 35 anos, que pertence ao corpo de funcionários/as do Museu, que não possuía experiência nenhuma quando entrou no Museu e começou a trabalhar nesta área, e que recebe entre 1000 e 1500€ mensais pelo trabalho que desenvolve.

5.1.1. Nos conhecimentos que uma pessoa deve ter para estudar e inventariar objectos e colecções;

Tem que ter formação de metodologias de inventário. Neste caso concreto, que é têxtil, tem que ter - ou aprender, porque eu não tive formação nessa área - conhecimentos de tudo o que é têxtil. Neste caso é muito importante ter um curso que nós gostaríamos de fazer um dia. É um curso em Lyon, é de *Textile Ancien*.

Quem é que chegou a fazer esse curso, a Dra. Teresa?

Sim, a Dra. Teresa, a Dra. Madalena, a Dra. Ana Brandão julgo que fez, enfim, há uma série de pessoas que fizeram esse curso. Trata-se de um curso que ocorre 15 dias num ano, e 15 dias noutro, portanto é repartido. As inscrições esgotam muito rapidamente e, imagine, se eu me inscrever agora, vou fazer o curso daqui a 3 ou a 4 anos.

Então este curso é fundamental.

Sim, é o *CIETA*, em Lyon, e o curso chama-se: *Étude des textiles anciens*, acho que é assim, mas não tenho a certeza.

Então, formação especializada na temática deste Museu, e, que outros conhecimentos?

Obviamente formação em *Matriz*, em *Photoshop*, e em tudo aquilo que forma parte do inventário no dia-a-dia: metodologias de inventário, de descrição, de etiquetagem...

Por exemplo, para a semana vou fazer, com a Dra. Clara, um curso em Fotografia Digital de bens culturais.

No seu caso aprendeu tudo isto com a prática?

Sim, mas depois, por exemplo, no ano passado, fiz um curso de gestão de colecções têxteis.

Onde?

Da Rede Portuguesa de Museus (RPM). Nós todos os anos temos feito formação.

Estava a comentar que, tanto a Dra. Madalena como a Dra. Clara Vaz Pinto...

Têm fomentado e incentivado a formação. Ah! Olhe, este é o meu *Curriculum*, assim é mais fácil perceber os tipos de formação que julgo necessários.

Portanto, todos os anos nós fazemos formação: reservas, controlo de pragas em bibliotecas, arquivos e museus...

### Normalmente são cursos da RPM.

Sim, normalmente sim. Por exemplo, eu não sou de História da Arte e noto, às vezes, algumas lacunas. Noto que, quer a Dina, quer a Xénia, como são de História, conseguem sempre fazer associações com a época, o contexto... e a mim falta-me. Portanto, tenho-me envolvido também, às vezes, em cursos de História, para ter algum conhecimento.

Mas também Colecções Etnográficas, com a Dra. Teresa Alarcão e a Dra. Pacheco Pereira, Conservação Preventiva, Embalagem de Objectos Museológicos...

Portanto, é um bocadinho diversificado. De alguma forma tentamos adquirir ferramentas que depois nos permitam desenvolver o nosso trabalho com mais qualidade.

Por exemplo, este curso que vamos fazer, vai permitir-nos tirar fotos com mais qualidade, que depois são colocadas no *Matriz*. Mas, por outro lado, lá está a parte da logística, quero dizer, não posso levar a máquina do Museu, que é completamente obsoleta, vou ter que levar a minha, e posteriormente trazer a minha de casa, porque é melhor, porque controlo a velocidade e a abertura, portanto é completamente diferente.

São tudo questões que realmente fazem parte da nossa formação, uma mais-valia para a aplicabilidade na prática. Por exemplo, lembro-me de uma formação em que nos distribuíram diversas amostras de materiais usados em conservação para as reservas. Todos os materiais que estão no mercado: mélinex, polipropileno... portanto, todos esses materiais, para nós ficarmos com esses conhecimentos e depois podermos aplicá-los.

Mesmo que não haja dinheiro para comprar, nós propomos à direcção e, quando houver dinheiro, compra-se. Não se compram 100 metros, mas compram-se 10 e já se vai fazendo.

### E os conhecimentos vão ficando com vocês.

Sim, mesmo para o inventário foram adquiridas canetas especiais porque, eventualmente, se se concretizar e não entrar ninguém para o restauro, ou bordo eu, ou então começamos a escrever com uma caneta especial, o número de inventário. Tudo isso é para ver a médio prazo.

A nível de formação tem de facto havido um bom investimento.

Depois, aqui as formações são muito especializadas. Por exemplo, nós não podemos aceitar um estagiário que vem trabalhar para o *Matriz*, porque o estagiário não sabe que o cetim, o tafetá e a sarja são três pontos básicos da tecelagem, e podem ser feitos com algodão, com seda, com linho, com o que for.

Ou seja, para preencher o *Matriz*, a nível de têxtil, é preciso saber muito bem distinguir o que é informação técnica, da própria descrição da peça. Porque eu tenho seda, mas depois tenho seda bordada, lavrada, espolinada, e outras complicações. Essas coisas aprendem-se muito com a prática, e essa prática é fruto de um trabalho constante de aprendizagem, de observação dos materiais...

Portanto, quem vem para o inventário demora muito tempo a ter esse conhecimento.

Há uma “Bíblia” que é o dossiê do curso do *CIETA* da Dra. Teresa, que está muito velho, que tem pequenas amostras de tecido e também os esquemas todos da tecelagem, onde nós, quando temos dúvidas, vamos pesquisar para saber. É aquilo que a Dra. Teresa normalmente dá a quem vem pela primeira vez para o inventário. A pessoa passa um mês ou dois a ler, para tentar perceber, e para aprender as técnicas todas. Depois vem a prática, claro. É uma coisa muito especializada mesmo.

### 5.1.2. Em outras categorias profissionais relevantes para o estudo e inventário de objectos e colecções de diferentes naturezas;

Categorias profissionais, como? Em termos de formação académica?

Sim, quem é que considera que devia formar parte da equipa de inventário? Por exemplo, referiu a importância de contar com uma pessoa da área de História.

Ah! sim, completamente multidisciplinar. Portanto temos a Dina que é de História, a Xénia que é de História da Arte, eu sou de Antropologia e não há mais ninguém.

#### 5.1.3. Nas categorias profissionais que gostava de criar para aperfeiçoar o trabalho de inventariação.

Eu acrescentava alguém de Sociologia.

E alguém do mundo da imagem?

Não necessariamente, porque é uma coisa muito pontual, embora todas as peças tenham que estar fotografadas. Mas no momento em que estão fotografadas... nós temos Divisão de Documentação Fotográfica (DDF) aliás, o próprio IMC tem DDF, que vêm cá fotografar para os catálogos. Por isso, se calhar, é uma despesa extra que não se justifica porque também não fazemos assim tantos catálogos ou tantas exposições para que uma medida dessas se justifique.

Mais alguém? Por exemplo, da área da informática que se dedicasse a preencher os campos, rever e actualizar, complementar com novos registos...

Mas lá está, uma pessoa dedicada a preencher o *Matriz* é essencial que saiba os mecanismos e os meandros da inventariação, das reservas, de tudo.

E trabalhando com vocês em equipa?

Eu não sei se punha mais pessoas...

Punha só uma pessoa de Sociologia...

Sim, acho que sim, mas uma pessoa com outro olhar. Porque, por exemplo, eu sou de Antropologia, mas eu aqui também não exerço, no sentido em que não estou a fazer investigação nem estudo das peças do ponto de vista antropológico. Obviamente faço as minhas ilações e tiro as minhas conclusões, mas um bocadinho à margem. Depois, aqui somos um bocadinho polivalentes.

Portanto, quando eu digo: "Ai, tinha que vir uma pessoa de Sociologia", não quer dizer que viesse fazer o trabalho de observação sociológica dos objectos. Se calhar, vinha completar um bocadinho o olhar de quem está de fora e que não está alerta para esse tipo de questões.

Por exemplo, a Dina e a Xénia - de História - fazem as tais associações que há pouco disse: históricas, contextuais. Às vezes, surge uma peça que lhes faz lembrar o quadro da Rainha Y ou X. Portanto, têm essas imagens e conseguem fazer essas relações.

Eu gosto muito de trabalhar em equipa, porque acho que depois as opiniões podem convergir e dá resultados muito bons. Há sempre um olhar diferente que nós não estamos à espera. É preciso é que, depois, as pessoas também se entendam e respeitem os pontos de vista de cada um. O que eu acho é que extrapolar para fora, para outras áreas onde não haja sensibilidade...

Como é que eu hei-de explicar?

O traje é uma coisa muito peculiar porque, eu acho que mais do que tudo, ilustra a evolução do homem duma maneira fascinante. Olhando para um traje nós sabemos: “Ei! um vestido dos anos 40 era curto! De repente dos anos 30 para os anos 40 encurtou, mas porquê? Porque houve a guerra e, como não havia tecidos nas fábricas, os vestidos tiveram que ficar mais curtos, obviamente!”

Portanto tem que se ver o contexto todo, é preciso alguma sensibilidade e também é preciso gostar muito, porque se as pessoas não gostam, isto sai completamente fora.

Eu acho que só punha uma pessoa de Sociologia.

Mas então para dinamizar os processos que andam tão lentamente não se deixava ajudar por outros especialistas?

Mas a lentidão dos processos não é pela nossa parte, a lentidão é da parte do IMC. Nós, até conseguimos mais ou menos. Neste momento, para a quantidade de peças que é incorporada no Museu, vindo a Xénia - portanto, uma equipa de três pessoas - conseguimos gerir.

Então sabemos que a Xénia - que está de licença sem vencimento durante três anos - dentro de um ano estará de volta. Mas, depois estava a falar da Dina, e eu acho que não conheço a Dina.

Ela é responsável pela área do restauro e pelas exposições no exterior.

Então, não é do sector do inventário.

Não é, mas também faz. Ela vai inventariando outras peças da colecção pedagógica. Nós, obviamente, estamos sozinhas nos sectores.

Claro que me fazia falta ter duas ou três pessoas a trabalhar nas reservas comigo porque há muito trabalho e porque é um trabalho muito solitário.

Claro que, por exemplo, a Xénia devia ter uma pessoa de História a trabalhar com ela no inventário, como tinha a Dra. Teresa: eram as duas e conseguiam assegurar muito bem o inventário.

Se calhar punha ao mesmo nível Sociologia, História e... mais pessoas, obviamente.

E a Dina de que área é?

É de História e é a responsável pelo sector do restauro - que neste momento não tem ninguém - e é a responsável pelas exposições no exterior.

Que exposições estão a ser montadas no exterior?

Hoje, por exemplo, está a montar uma exposição de fatos de banho no *El Corte Inglés*.

Então dá-se frequentemente o caso de que empresas dessas e outras naturezas venham pedir apoio técnico especializado ao Museu?

Sim, e tem que se seguir todo um trâmite. Por exemplo, para esta exposição saíram 20 e tal peças da colecção, e cada peça tem que ter um formulário, tem que ter cuidados específicos... o trabalho é imenso.

Que é que vocês ficam a ganhar com tudo isto?

Eu não sei que género de contrapartidas há, porque são estabelecidas entre a Direcção e o *El Corte Inglés*. Não estou por dentro desse serviço.



Mas aqui a Dina vai montar e, por exemplo, já foi ao Brasil, já foi ao Japão com cópias para eles fazerem as suas cópias, já foi a Coimbra... e lá está, pode levar peças da colecção patrimonial, se a instituição reúne as condições todas de conservação e de exposição, ou pode levar, por exemplo, para escolas e centros culturais. Temos uma pequena exposição que é a colecção pedagógica, que pode ser exposta com algumas condições mas sem grandes cuidados de conservação porque, ou são cópias (vestidos de 1900 que as senhoras fizeram) ou então são peças que não integraram a colecção, porque já as tínhamos, e perguntaram aos doadores se podíamos ficar com elas para as expôr.

A questão do restauro tem alguma solução em vista? Prevê-se a abertura de um concurso ou a implementação de alguma outra iniciativa?

Que eu saiba, não. Essa era a nossa esperança...

De quem é que depende a resolução de um assunto desta natureza, do IMC?

Sim.

5.2. Indique-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo:

- O nº de pessoas que desenvolve esta função no Museu;
- As suas idades e sexos;

Estava aqui a ver idades e sexos... Portanto, a geração da Dra. Teresa Sérgio, da Dra. Ana Brandão, da Dra. Fátima, que eram as pioneiras do Museu, já se reformou.

Neste momento, a faixa etária será: a Dina com 48, a Xénia com 37 e eu com 35. Maioritariamente feminina.

As formações também já disse.

Ao nível da experiência profissional, posso dizer que sempre trabalhámos neste Museu e que não houve ninguém que viesse de fora. Ou seja, não há ninguém com experiência noutros museus ou na metodologia adoptada noutros museus. Porque isso até podia ser interessante, mas não: iniciámos aqui as nossas funções, aqui continuamos e havemos de continuar, com muito agrado, pelo menos no meu caso.

- A sua formação (áreas, níveis e actualizações);
- A sua experiência profissional;
- As suas condições de trabalho, também as conhecemos.

Sim, sim... muitas dificuldades.

Mas, por exemplo, esta rapariga com que eu estava falar, Sandra, é um achado! Ela está como responsável pelo circuito expositivo e pelo atendimento aos visitantes durante a visita ao Museu?

Sim, ela é excepcional. Eles entraram no ano passado, doce guardas, ou seja doce vigilantes recepcionistas.

Mas ela referiu que vão também desenvolver outro tipo de actividades.

Sim, porque quase todos têm formação superior, e então a Dra. Clara está a utilizá-los para nos ajudarem noutras tarefas. Por exemplo, há um de design gráfico, outro de escultura, há uma rapariga...

**Mas entraram com contrato a termo certo?**

Não, como trabalhadores da função pública. Porque agora já não há quadro no Museu, somos funcionários do IMC. Portanto, podemos andar quase a saltar de um lado para outro.

**Sim mais doce é um belíssimo número?**

Bom, três já estavam cá a contrato, na loja, na guardaria... e portanto, depois vieram os outros que vieram ajudar imenso.

**Na guardaria?**

Sim, vigilantes recepcionistas, é como se chama agora.

**- Quais destes elementos trabalharam na organização do inventário da exposição dos Trajes Reais? Em que condições e durante quanto tempo?**

Foram a Teresa e a Xénia e foi, pelo menos, durante um ano, o ano de 2007.

**5.3. Fale-me do que faria para transformar o seu Museu num lugar ideal para o público, no que tem a ver com o acompanhamento de visitantes, no contexto de exposições de média duração, como a que foi alvo de estudo;**

Nós, nessas duas vertentes, já temos duas pessoas, a Rosário - que é do Serviço Educativo e de Mediação – portanto, ela faz as visitas guiadas e, justamente para pegar naquilo que disse há bocadinho, um dos vigilantes que entrou já foi professor e, portanto está muito ligado à parte educativa, pelo que a Dra. Clara está tentar dar-lhe alguma tarefa relacionada com esta função.

A divulgação é feita com a Fátima Caldeira que está responsável por toda a divulgação de exposições, tudo o que ocorre aqui no Museu que tem a ver com a divulgação. Eu aí, não sei que especificidades ou que dificuldades é que ela tem para fazer o seu trabalho.

**5.4. Indique-me como transformava o seu Museu num lugar ideal para o público, referindo mais especificamente as questões que envolvem contactos e relacionamentos com a população envolvente.**

Sim, sei que a Rosário tem feito alguns contactos com Associações Recreativas, Centros de Idosos, Centros de Dia... para tentar chamar o público ao Museu, e claro, toda a rede escolar que está aqui à volta, porque nós temos aqui vários colégios à volta.

Curiosamente quando foi a exposição da Barbie, que houve cá, a Dra. Clara criou equipas de duas pessoas e fomos pessoalmente às escolas apresentar a exposição com um dossiê pequenino como este: a Dra. Teresa foi com a Xénia, eu com a Cândida, a Dina com a Dra. Clara e correu muito bem. Veio imensa gente.

## **6. A gestão do conhecimento.**

**6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, no contexto da organização desta exposição, referindo em especial:**

- Os critérios de selecção utilizados na escolha do sistema;
- A denominação do sistema utilizado e os objectivos pretendidos pelo Museu;
- A sua utilidade (a nível interno e externo ao Museu), possibilidades de trabalho em rede com museus da mesma temática e com museus em geral, preparação de exposições...;

- A possibilidade de actualização do sistema e dos dados nele contidos;
- Os custos aproximados que envolve a sua aquisição e manutenção.

6.2. O que mudava/acrescentava ao sistema para ele desenvolver a sua função de forma mais dinâmica e acessível na preparação de exposições?

Resta-nos falar um bocadinho desta nova geração do *Matriz* 3.0.

Desde quando é que vocês têm acesso a ela?

Portanto, nós tivemos, até 15 de Julho do ano passado, que inserir tudo o que nós tínhamos para inserir no 2.0. Depois, a partir de Julho do ano passado foi iniciada a migração dos dados para o *Matriz* 3.0.

Eu estive ausente no mês passado mas sei que, no dia 8, houve uma apresentação no MNE. Deixe-me ver, esta apresentação foi no dia 8 e, quando eu regresso, no dia 14, já tinha cá disponível *on-line* o *Matriz*.

Realmente, tem outras vertentes. Ainda não o estamos a explorar mas não é só por uma questão de tempo e sim porque o objectivo neste momento é ver se a migração de todas as coisas do 2.0. passaram bem para o 3.0., para depois publicarmos no *MatrizNet*.

Alguma data prevista para esta publicação?

Não, era para ter sido no dia 28 a apresentação do *Matriz* 3.0, mas devido a problemas técnicos ainda não foi, e tem a ver com os servidores, e com a lentidão. No entanto eles estão muito atentos e também muito agradecidos pelo facto de nós estarmos a tentar colaborar com eles no processo.

Por exemplo, eu chego às 9. Das 9 às 10 consigo introduzir algumas fichas e actualizar. A partir das 10 da manhã começa a lentidão e, muitas vezes, estou 1 hora para tentar abrir uma ficha. Portanto, está muita gente a tentar ao mesmo tempo.

Quando fala do Paulo Costa é porque ele é quem dá a cara pelo processo perante os museus do IMC?

Sim, tem sido ele quem está em contacto connosco.

E podemos abrir aqui a secção dedicada a imaterial?

Não, não dá, o sistema está muito lento.

Mas agora está na hora do almoço, devia haver menos gente a circular pelo sistema...

Não dá, vê? eu clico e... nada. Não sei como funciona a esta hora, não fiz a experiência.

É muito lento, mas tem uma série de novas ferramentas que realmente vão agilizar muito o procedimento. Por exemplo, documentação associada. Imagine que a biblioteca tem uma série de coisas que nós queremos associar. Digitalizamos, pomos aqui e está associado à ficha, à peça.

E relativamente a registos de outra natureza?

Tem, tem. Nós não usamos mas, por exemplo, sei que Etnologia tem muito.

E parece fácil a associação?

Não sei porque ainda não tentei, como lhe digo a prioridade é ver se migrou tudo bem. Por exemplo, ainda não pus uma ficha nova.

Bom, também ainda não passou um mês.

Sim, ainda por cima, ontem e anteontem houve uma quebra do sistema, portanto, também não pudemos estar a trabalhar.

Eu acho que também são problemas de arranque. Portanto, é de ser novo, é de estar toda a gente a tentar... sim, porque ainda não sabemos qual é o *deadline* para terminar as actualizações para pôr no *MatrizNet*. Mas depois, a partir de aqui...

Claro, primeiro vêm se todos os vossos dados aterraram em ordem na nova versão, e depois fazem a selecção.

Normalmente, nós temos o critério da imagem, que foi o que o IMC impôs. A partir do momento em que tem uma boa imagem, obviamente é publicável na *Net*, e tem uma descrição, uma datação... esses *items* essenciais que uma ficha de inventário deve ter adequadamente preenchidos.

Sim, e depois coisas lógicas como serem um conjunto de peças que são representativas da temática do Museu...

Agora, como lhe digo, ainda não tive oportunidade de falar com o Paulo Costa sobre este novo sistema.

Ele, sem dúvida, é a pessoa indicada.

Sim, temos programado um encontro para Abril.

Supostamente, um dos objectivos desta nova versão é precisamente incrementar novas redes de comunicação a vários níveis, portanto, dentro dos museus, entre os próprios museus...

Esperemos que sim, mas como lhe disse eu estou com muito pouca informação neste momento, porque não fui à apresentação do dia 8 e acho que foi essencial. Eu estou só a fazer o básico do básico, mas sei que tem muitas potencialidades e sei que vem revolucionar o 2.0. porque nos facilita uma série de situações, porque tem uma série de operacionalidades que o outro não tinha.

Que bom, acaba de abrir a secção de Imaterial! (no *Matriz* 3.0., que está acessível no computador da entrevistada) Tentamos abrir alguma das tipologias patrimoniais que aparecem?

Não deve dar, mas podemos tentar.

Que mudanças acrescentava ao sistema? Suponho que é cedo, não é Elsa?

É muito prematuro.

É curioso que, nesta última entrevista, fui apanhar a fase inicial da nova geração do *Matriz*. Isto foi graças aos problemas acontecidos com a primeira entrevista, mas também graças à sua colaboração... Tudo tem as suas vantagens...

É verdade.

## 7. A experiência da entrevista realizada.

Gostava de saber o que é que achou da entrevista realizada.

Acrescentava algum outro dado que não tenha surgido ao longo da conversa? Qual?

Não, acho que não. Às vezes (mas isto é mais uma queixa pessoal), às vezes a não compreensão do doador da não-aceitação do Museu: a recusa. Há pessoas que percebem,

mas há pessoas que têm muitas dificuldades e, normalmente, o que nós fazemos sempre é: nós recusamos, e explicamos porquê, mas reencaminhamos para outros museus.

Por exemplo, eu tenho uma proposta de chapéus, mas não vou aceitar chapéus porque eu pus 576 chapéus no Museu da Chapelaria, só dos anos 50/60, só porque já não tinha aqui espaço.

#### Curioso...

Sim, mas ainda tenho pelos menos uns 300 ou 400 aqui, e só dos anos 50/60. Portanto, eu não vou aceitar. A não ser que seja uma griffe, um Chanel, um Dior, um Lanvin, uma coisa assim completamente excepcional.

Mas as pessoas tem uma má aceitação da recusa, e nós tentamos canalizar: “Olhe, contacte o Museu da Chapelaria”

#### Sim, ou o Museu do Trajo de São Braz de Alportel.

Sim, por exemplo, é outra opção.

Olhe, por exemplo, há tipologias que não estamos a aceitar, traje militar não estamos a aceitar porque a nossa vocação é traje civil e, realmente, temos um pequenino espólio de traje militar, mas é canalizado para o Museu Militar.

Roupa interior, por exemplo tenho 300 camisas de noite de final de século, 500 combinações, 100 corpetes, eu não posso até por uma questão de espaço.

Estas são decisões tomadas em tempo da Dra. Madalena, com a Dra. Teresa. Realmente havia tipologias que tinham que deixar de incorporar-se ao Museu. Por exemplo brinquedos, eu reencaminho-os para o Museu do Brinquedo, em Sintra e, então o traje, precisamente para o Museu de São Brás.

Mas a recusa dos doadores, por vezes... por mais boa vontade que tenhamos, é difícil.

#### Algum outro aspecto?

Não, só que é preciso gostar muito porque é um trabalho que, é muito gratificante mas, como diria? não se vê. Os resultados só se vêem a longo prazo.

Eu posso receber, como recebi ontem, uma caixinha que está ali, que tem umas ligas lindíssimas, de início de século, mas eu não sei quando é que elas vão ser expostas, percebe? Temos que ter muita paciência e não podemos querer ver resultados imediatos.

Quando digo resultados imediatos, refiro-me a receber a peça e expô-la. Há doadores que vêm aqui e pensam: “Ah! Mais isto vai para exposição”.

Não, não temos exposições permanentes, vai para a reserva e, oportunamente, consoante a temática da exposição, serão expostas. Portanto, nós temos aí peças lindíssimas dentro dos armários que um dia virão à luz. Não à luz do sol, que não pode ser, mas a 50 Lux.

#### A exposição que está agora patente ao público é uma visão da evolução do traje?

Sim. Nós, agora vamos ter uma exposição permanente que vai rodando, é a ideia da Dra. Clara. Ou seja, vai ser a evolução do traje. Vai ser essa a exposição permanente: século XVIII até a actualidade, mas com as peças rodando cada x tempo.

Claro que, pontualmente, temos exposições como aquela das peles que lhe estava a falar, e estamos agora a montar, não sei se viu, vamos fazer ligação pela capela até ao século XX, que é o traje da Primeira República.

Portanto, é esse o objectivo da Dra. Clara. Já era da Dra. Madalena. Portanto, ter uma exposição permanente que deveria mudar cada seis meses, mas que ficará um pouco mais.

Sim, a exposição actual leva, pelo menos, um ano.

Por vezes, vamos até aos dois anos. Portanto, vamos manter a evolução do traje.

Acabamos?

Eu acho que sim!

Obrigada.



**Outras informações, relacionadas com os dados completos e actualizados, que se ligam ao perfil socioprofissional das pessoas que intervêm na área do inventário, e com o SGC do MNTM.**

**Respostas obtidas, ao longo de 2011, através de correio electrónico e por contactos telefónicos, com a colaboração de Elsa Ferraz.**

**5.2. Indique-me alguns dados sobre o pessoal relacionado com a função da inventariação no contexto deste Museu, referindo por exemplo:**

A Dina, tem licenciatura em História e Pós-graduação em Conservador de Museus. É funcionária desde 1992 e está num escalão remuneratório superior a 1500 € mensais.

**6.1. Fale-me do sistema de documentação e gestão da informação relacionada com o espólio do Museu, referindo em especial:**

**Os bens inventariados no SGC do MNTM:**

- **Número de bens que integram o espólio do Museu:** 37.902.
- **Percentagem com inventário informatizado:** 36.420 (aproximadamente 96,09%).